

## **TEMPO, TRABALHO E CAPITAL:**

Diálogo convergente entre Edward Palmer Thompson e Pierre Bourdieu

## **TIME, LABOR AND CAPITAL:**

Convergent dialogue between Edward Palmer Thonpson and Pierre Bourdieu

João Alfredo Costa de Campos Melo Júnior<sup>1</sup>

### **Resumo**

Este artigo procurou trabalhar os conceitos sociológicos e históricos de tempo, trabalho e capital estruturados nas obras de Pierre Bourdieu e Edward Palmer Thompson. Para cumprir o proposto este texto assentou-se no artigo “Tempo, Disciplina de Trabalho e Capitalismo Industrial” de E. P. Thompson, e na obra *Algérie 60. Structures économiques et Structures Temporelles*, escrita pelo sociólogo francês.

**Palavras-chave:** Tempo. Trabalho. Capital. Edward Thompson. Pierre Bourdieu.

### **Abstract**

This article sought to work on the sociological and historical concepts of time, labor and capital structured in the works of Pierre Bourdieu and Edward Palmer Thompson. To fulfill the proposal, this writing was based on the article “Time, Labor Discipline and Industrial Capitalism” by E. P. Thompson, and on the work “Algérie 60. Structures économiques et Structures Temporelles” written by french sociologist.

**Keywords:** Time. Labor. Capital. Edward Thompson. Pierre Bourdieu.

---

<sup>1</sup> Professor Associado III - Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS). UFV Campus de Rio Paranaíba. Pós-doutorado em Sociologia pelo Instituto de Sociologia da Universidade do Porto. Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (UFScar). Mestre em Ciências Sociais pelo PUC-Minas

## INTRODUÇÃO

É consenso que Edward Palmer Thompson e Pierre Bourdieu, cada a um em seu estilo, foram pensadores prolíferos que percorreram searas teóricas e empíricas. Verdade é que, mesmo por caminhos diferentes, suas produções margeavam-se e encontravam-se em determinados momentos analíticos, de lado a lado. Cada um deles pesquisou, de forma própria e buscou “dar voz” àquelas culturas e populações até então negligenciadas pela visão tradicional universitária.

Com trajetórias pouco convencionais no ambiente acadêmico foram alteados de intelectuais outsiders<sup>2</sup> a referências teóricas imprescindíveis para aqueles pesquisadores e interessados em temas ligados às culturas populares e eruditas, movimentos sociais e políticos, estilos sociais e de vida, vida campesina, esportes, literatura romântica, e outras infinitudes de assuntos ancorados. Professores rigorosos e atentos às demandas de seus alunos e alunas, acolhia-os com extrema leveza, docilidade, mas com a austeridade necessária a um mestre que tutela seu pupilo. Claro que a prática da docência em ambos se diferenciou em formato, gestos, atitudes, inserção e localidade: enquanto Pierre Bourdieu foi docente na *École de Sociologie du Collège de France*, E. P. Thompson lecionou em cursos não acadêmicos para trabalhadores nas Universidades de Leeds e Warwick, e espaçadamente em universidades estadunidenses como por exemplo, *Pittsburg*, *Dartmouth College*, como também, na *Queen’s University* em Ontário, Canadá, e outras que porventura o convidasse para ministrar cursos sobre as culturas populares inglesas do século XVIII, e temas correlatados.

Será responsabilidade deste texto<sup>3</sup> estudar os conceitos sociológicos e históricos de tempo, trabalho e capital pelas óticas de Edward Palmer Thompson e Pierre Bourdieu. Porém é imprescindível acrescentar que embora tanto o historiador britânico, quanto o sociólogo francês ao estruturarem suas noções de capital partem de um mesmo ponto: o conceito econômico de capital fortemente presente nos trabalhos de Adam Smith e posteriormente em Karl Marx. Embora o nascedouro fosse comum a ambos a clivagem existiu. Enquanto E. P. Thompson entendia o capital por uma trilha marxiana, Pierre Bourdieu “subverteu” o conceito ao aplicar sobre ele

---

<sup>2</sup> É necessário demarcar que a utilização do termo outsiders neste artigo reclamou abrigo em duas grandes obras sociológicas, que são: **Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena cidade** de Nöbert Elias (2000) e **Outsiders: estudos de sociologia do desvio** escrita por Howard Becker (2008). Cada um deles a seu estilo trabalha a noção de comportamentos desviantes em relação as regras hierarquicamente estabelecidas. É por esse tipo de vereda que E.P Thompson e Pierre Bourdieu construíram suas carreiras acadêmicas.

<sup>3</sup>Este artigo é fruto de uma investigação de Pós-doutoramento em Sociologia realizada no Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto sob a supervisão Professor Doutor Virgílio Borges Pereira.

diferentes possibilidades hermenêuticas, teóricas e empíricas através do conceito sociológico “economia geral das práticas” que é apresentado e desenvolvido em parte considerável de seus trabalhos e pesquisas. Cumpre ainda relatar que neste trabalho o conceito de capital diferirá entre os pensadores aqui contemplados. Enquanto para Edward Palmer Thompson o conceito de capital é o propugnado por Karl Marx, já para Pierre Bourdieu o foco concentra-se no capital econômico, que é indissociável de bens materiais, patrimônios, dinheiro entre outros.

Com o intuito de cumprir o estabelecido, o presente artigo recorrerá ao texto “Tempo, Disciplina de Trabalho e Capitalismo Industrial” de E. P. Thompson, que servirá como seu ponto de apoio. Por outro lado, serão utilizados os conceitos de tempo, trabalho e capital a partir dos postulados teóricos de Pierre Bourdieu contidos no livro *Algérie 60. Structures Économiques et Structures Temporelles*, com o intento de estabelecer um diálogo convergente entre esses dois instigantes e ainda necessários, pensadores contemporâneos.

## **O DIÁLOGO CONVERGENTE:**

A partir do século XIV por toda Europa Ocidental o entendimento e a utilização do tempo cronológico modificam-se substancialmente ao colocar frente a frente: a percepção natural e a impressão mecânica. Em outros termos, havia um “confronto dialético” entre o tempo natural versus o tempo executado mecanicamente. A medição temporal oriunda da natureza baseava-se, de acordo com Thompson (1998), em um sistema relacionado aos trabalhos ligados ao campo, na lida com os animais e no cultivo de terras destinadas a produção de alimentos para a própria subsistência e a familiar. As famílias eram, também, um importante e poderoso núcleo estruturante dessa marcação temporal.

A criação de gado e outros animais, representava uma dupla condição: a primeira a subsistência alimentar e financeira da família e a segunda, a compreensão do passar das horas e do tempo<sup>4</sup>. O pesado dia a dia de labuta no campo requeria uma ocupação diária associada ao tempo da pastagem, e do trabalho cotidiano com os animais. O início e o fim da faina eram demarcados pelo gado e as sucessivas e rotineiras tarefas de pastoreio e manejo que os animais exigiam. A compreensão do correr das horas associava-se ao labor campesino diário. Por outro lado, houve outras comunidades que tinham outras formas, pouco mais sofisticadas para controlar o tempo. O caso dos Nandi é bastante sintomático com relação a utilização do tempo em favor da otimização

---

<sup>4</sup>Edward Thompson (1998) trouxe à margem que a rotina diária de pastoreio se firmava como elemento demarcador da passagem do tempo.

do fazer rural. Thompson (1998) ao trazer luz à comunidade explica que aquele povo remoto convencionou a marcação temporal não somente a cada hora, mas a cada meia hora do dia. Dessa forma as atividades agrícolas e pastoris tornavam-se mais organizadas e conseqüentemente eficazes em função do baixo desperdício temporal. O ganho econômico em função da regulamentação temporal foi inquestionável.

Edward Palmer Thompson (1998) revela que a incorporação/assimilação das marcações temporais variava de local para local, em função de determinismos sociais, culturais e econômicos. Em alguns países, asseverava Thompson (1998), o tempo era controlado pelo cozimento de alimentos, em particular o arroz; já em outros media-se em quantidade de “Credos<sup>5</sup>” (THOMPSON, 1998). Por sua vez, em outros locais os primeiros raios de sol que banhavam o alvorecer soavam como cantos iniciatórios para a pesada e extenuante jornada laboral que já se fazia reconhecer. Já ao cair da noite, nas primeiras aparições a lua era o convite esperado ao longo de um extenuante dia, para o descanso de um corpo combalido pela jornada massacrante. O interessante é perceber que as modelagens de mensuração do tempo nesses contextos históricos, revelavam-se arbitrários e imprecisos (THOMPSON, 1998).

É preciso, por seu turno, acrescentar que Pierre Bourdieu em suas pesquisas socioantropológicas sobre os camponeses berberes da Cabília, no norte da Argélia, também concentrou esforços para perceber o tempo como um dos fatores preponderantes na ação social daqueles trabalhadores rurais argelinos<sup>6</sup>. E. P. Thompson argumenta que Bourdieu, em seus trabalhos sobre os camponeses do norte de Argélia percebeu uma situação peculiar: a relação existente era de completa submissão associada a completa indiferença em relação a passagem do tempo por parte dos Cabilas. “A pressa é vista como uma falta de compostura combinada com ambição diabólica” (THOMPSON, 1998: p, 270).

Há instaurado aqui um conflito detectado tanto por Edward Palmer Thompson quanto por Pierre Bourdieu, isto é, inicia-se um caminho de cisão entre o tempo social e o tempo do relógio. É possível argumentar que nas duas comunidades em foco o desprezo pelo tempo mecânico era evidente e quase intransponível. Para o historiador britânico tem-se que o desprezo pelo tempo do relógio efetivava-se em comunidades de baixa organização social e de relações mercantis de pouca complexidade. O entendimento do tempo, ainda de acordo com Thompson (1998), era fortemente demarcado pelas imposições cotidiano e das necessidades básicas de sobrevivência.

---

<sup>5</sup>O Credo é uma oração que se iniciava com a assertiva basilar do cristianismo: “Creio em Deus pai todo poderoso”.

<sup>6</sup>Há que acrescentar que Bourdieu articula a noção de tempo assentada na análise fenomenológica de Husserl. De acordo com Martinez (2017), o tempo foi central na sociologia antropológica de Pierre Bourdieu voltada para os camponeses da Cabília.

O entendimento do tempo para aquelas comunidades rurais se organizava, internalizando-se através dos processos de trabalho para a subsistência. Ambos os autores admitem que o campo econômico e o campo social estabelecem-se em função das tarefas diárias<sup>7</sup> fato que, impactava frontalmente ao longo da jornada de trabalho modificando-a. O dia poderia ser mais longo ou mais curto em virtude da quantidade, ou não do trabalho a ser concretizado. Aqueles trabalhadores que se pautavam pelos “carrascos ponteiros do relógio” eram ditos como carentes e perdulários (THOMPSON, 1998).

Por outro lado, havia distinções explícitas entre as classes sociais, nomeadamente; entre camponeses e artesãos independentes. Cada categoria ocupava, de acordo com Bourdieu (2011), espaços sociais próprios, formadores das classes sociais<sup>8</sup>. Há, sem incerteza, a distinção dos agentes conforme seus locais de ocupação no espaço social, que variavam em relação a outros campos de preenchimento simbólico, que invariavelmente conferiam capitais sociais, culturais e econômicos diferenciados entre as classes ocupantes de cada estrato social<sup>9</sup>. É meritório acrescentar que Bourdieu esclareceu que o capital simbólico se constrói como intermediador de aptidões que se interligam com as ações sociais dos diferentes agentes executores.

É possível neste momento afirmar que há explicitado tanto em Bourdieu quanto em Thompson o destaque das individualidades autônomas de cada um dos sujeitos executores. O agente histórico no interior das análises de ambos os pensadores, ganha destaque como partícipes de suas histórias de classe. A integração dos relógios de ponto nos espaços sociais de produção e de religiosidade trouxe, ao mesmo tempo, sentimentos opostos. Por sua vez, o entendimento “daquele instrumento” trazia consigo *habitus* e experiências sociais como instrumentos teóricos e dialéticos: a modernidade sustentada pelos costumes e pelas tradições culturais populares! Thompson (1998) levanta um dado cotidiano bastante inusitado; segundo ele, a exatidão dos nascentes relógios era à época bastante contestada e criticada. Recorria-se, explica o historiador

---

<sup>7</sup>É interessante mencionar que para Edward Thompson as comunidades rurais orientavam-se através da busca e produção de alimentos. Desta forma não havia, para o historiador a separação entre o trabalho e a vida pessoal. Por sua vez, Pierre Bourdieu ao pesquisar os povos Cabílas, mencionou as aproximações dos calendários agrícolas com outros aspectos ligados àquela sociedade Berbere construiu seu próprio *habitus*, conferindo-lhes autonomia e condições concretas de atuação no presente, como manufaturas de suas próprias histórias. Em outros termos, o *habitus*, ao contrário do olhar estruturalista, robustece os agentes sociais como arquitetos de suas próprias vidas.

<sup>8</sup> Bourdieu (2017) compreende o conceito socio-histórico de classe social tendo como base a sociedade enquanto espaço social no qual as relações sociais são estruturadas e desenvolvidas pelos agentes sociais. Para maiores detalhes ver: Bourdieu, Pierre (2017). *A Distinção crítica social do julgamento*.

<sup>9</sup>Pascal Ragouet (2017) traz na interessante análise ao olhar inúmeras dimensões aplicadas por Bourdieu sobre o espaço social. Relata o professor de sociologia da Faculdade de Bordeaux, que Bourdieu ao escanear o espaço social com seu olhar multidimensional compreendeu as importâncias variáveis de acordo com os campos que se estabeleciam: o político, o social e o econômico. O mote era evidenciar os recursos ou capitais, que possibilitariam ao agente manifestar seu poder de ação frente as disputas ocorridas no espaço social, visando ganhos recursos e ganhos simbólicos ou objetivo no local em disputa.

britânico, as marcações baseadas no sol e em outros elementos da natureza<sup>10</sup>. A partir de meados do século XVII os relógios tornaram-se mais seguros e confiáveis com relação a medição do tempo. A grande inovação aconteceu com a implantação nos relógios de ponteiros e pêndulos que contribuíam para sua precisão, diz o historiador que a exatidão dos relógios aconteceu, de verdade, com a aplicação do pêndulo nas máquinas. Os relógios de pêndulo começaram a se espalhar a partir de meados do século XVII. Ainda continua o autor que o acréscimo do ponteiro de minutos aconteceu algum tempo depois (THOMPSON, 1998).

Vale frisar que ao pensar o tempo e seus mecanismos demarcadores, Edward Thompson, em verdade, buscou entender histórica e sociologicamente as culturas populares ou para usar uma expressão corrente ao longo século XVIII os costumes<sup>11</sup>. Os costumes ou as culturas populares fortaleciam-se a partir de hábitos e circunstâncias cotidianas. Ainda seguindo por essa seara, o costume e suas práticas eram percebidos com enorme dinamicidade que o termo continha em sua apresentação, e, as possibilidades hermenêuticas dela decorridas. Ao mesmo tempo que remetia a lembranças antigas e alentadoras, também poderia associar-se as culturas populares e as eruditas. Ainda assim prossegue Thompson (1998), o termo assumia semelhanças e contiguidades com o direito consuetudinário<sup>12</sup>.

Há que colocar que os costumes ou as culturas populares se fortaleciam, de acordo com E. P. Thompson, quando associados a contextos histórico-sociais determinados que serviam de substrato para a criação de uma casca que servia de proteção contra os achaques das culturas governamentais e/ou elitistas. Os resguardos apresentados pelas classes populares para a preservação dos costumes fortaleciam através das tradições orais e pela ampliação do acesso à cultura letrada através do exponencial aumento de textos esparsos, pequenos livretos, mas acima de tudo, pela significativa valorização das tradições orais e pelos processos de alfabetização. Em seu importante argumento:

As práticas e as normas se reproduzem ao longo de gerações na atmosfera lentamente diversificada dos costumes. As tradições se perpetuam em grande parte mediante a transmissão oral com seu repertório de anedotas e narrativas exemplares. Sempre que a tradição oral é suplementada pela alfabetização crescente, os produtos impressos de maior circulação – brochuras com baladas populares, almanaques, panfletos, coletâneas de últimas palavras e relatos

---

<sup>10</sup>Edward Palmer Thompson (1998) apontava que ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX os relógios mecânicos eram acertados e calibrados através dos denominados relógios de sol.

<sup>11</sup>E.P. Thompson esclarece que a aplicação do termo costume em períodos históricos anteriores era empregado como sinônimo de cultura.

<sup>12</sup>Com precisão Edward Thompson esclarecia que o direito consuetudinário se frutificava em função dos costumes e de seus usos e aplicações corriqueiras que poderiam, ao ser codificadas, tornavam-se força de lei.

anedóticos de crimes – tendem a se sujeitar a expectativa da cultura oral, em vez de desafiá-las com novas opções (THOMPSON, 1998, p. 18).

A passagem suscita uma interessante, entre tantas possíveis reflexões. Nomeadamente a percepção thompsoniana das potencialidades dialéticas das culturas populares tradicionais e até mesmo das ditas conservadoras oriundas da plebe, como denominada pelo historiador. A leitura de Edward Thompson organizava-se no sentido de historiar a cultura a partir de ângulos múltiplos e complementares ao mesmo tempo. Era dessa forma que o historiador britânico exaltava as múltiplas tonalidades dos processos culturais oriundos das classes populares. Em outros termos evidenciava os diferentes *habitus* do “povo pobre”.

É possível entender que Bourdieu caminha por essa mesma trilha, ou seja, olhar a cultura a partir de uma configuração multifacetada dos arquétipos culturais<sup>13</sup>, ao apresentar um esforço vitorioso de síntese do cabedal sociológico clássico de Marx, Durkheim e Weber referente a cultura. Sendo assim, o sociólogo francês expande o entendimento ao evidenciar os componentes simbólicos estruturantes da cultura, que é fruto das ações sociais.

Os agentes executores adquirem autonomia e protagonismo na formulação das ações sociais, que são estruturadas simbolicamente a partir de indivíduos em seus espaços sociais, protagonistas das ações sociais tornam-se os articuladores das definições socioeconômicas e culturais, integrando-as no espaço social. A objetividade das ações sociais e culturais é constituída e sustentada pelas subjetividades de seus agentes executores. A objetivação da cultura e sua materialização são os pontos fortes de dominação, para lembrar de Max Weber, exercícios de construção dos sentidos simbólicos. Nesta ocorrência, Arruda (2017) e Passiani (2017) estabelecem que as conversões do capital cultural acontecem através de estruturas sociais (*habitus*) de aprendizagem e assimilação exógenos aos indivíduos. As origens encontravam-se nas instituições sociais, como por exemplo a família, a escola, a religião, a profissão entre outras categorias sociais. Sem a menor dúvida, estava aí, esculpida a salutar ascendência de Durkheim sobre Pierre Bourdieu.

Se Edward Palmer Thompson desenvolveu trabalhos e pesquisas ligadas ao que denominava de culturas populares, a terminologia, por sua vez, não fazia eco nas premissas teóricas de Pierre Bourdieu. Para ele o conceito não continha em si uma precisão sociológica, variando de acordo com os gostos e as predileções intelectuais de quem o utilizava. Não havia, portanto, a correta adequação do termo em função de uma má utilização dos conceitos “cultura dominante” e

---

<sup>13</sup>Aqui, o termo arquétipos cultural é entendido como uma ação imagística e simbólica que pode ser ordenado em toda a sociedade. Há sim, aqui, uma influência de Carl Gustav Jung (1875-1961) e de sua construção dos arquétipos como a “reunião” de experiências passadas e de padrões comportamentais e individuais que caracterizam a formação das sensações simbólicas que geram sentidos.

“cultura popular”. O sociólogo francês afirmava que seria mais viável e acertado do ponto de vista empírico, discutir as origens das dominações e de suas operações econômicas e políticas decorrentes. Por isso, para ele, a utilização da nomenclatura cultura popular revelava-se infecunda e imprecisa. Neste momento é imprescindível referenciar a afirmação acima exposta. Pierre Bourdieu percebia certa fragilidade e inconsistência nesse conceito sociológico; ao seu juízo havia uma enorme variabilidade interpretativa. Seu emprego acadêmico tornava-se diverso em função do ambiente intelectual no qual estavam inseridos os atores sociais e o “Homo Academicus”. Por outro lado, percebeu também, a fragilidade teórica no emprego dessa faculdade intelectual no interior dos muros da academia, quanto no ventre dos movimentos sociais organizados. O habitus é o farol condutor para o entendimento das práticas simbólicas e de seus executores<sup>14</sup>.

A multiplicidade cultural foi metodologicamente utilizada por Thompson como ponto de apoio para o entendimento das transformações sociais em função do exponencial aumento do tempo e do ritmo da produção oriundos do aperfeiçoamento da planta industrial escala devido a incorporação de maquinários e novas modalidades de propulsão durante a Revolução Industrial. Estava instaurado a sincronização entre tempo e o trabalho produtivo. Mesmo assim, E. P. Thompson (1998) apontava algumas contradições, a saber: o rigor do tempo aplicado em pequenas oficinas domésticas de manufatura sem os processos de especialização e produção especializada. Os caminhos produtivos não foram bucólicos como parecem ter sido. Os percursos foram infames e por vezes dolorosos. A natureza inclemente e impiedosa colocava obstáculos que prejudicavam os “seguimentos produtivos”. Em outros termos, o tempo ruim e a chuva intensa e sem compaixão quebrava o ritmo da manufatura, destruía plantações, alagava pequenas cidades e atrasava a produção das tecelagens à medida que encharcava os tecidos.

Por seu turno as nascentes “plantas industriais” revelavam-se ainda “amarradas” por pequenas condições estruturantes, em outros termos, o acúmulo exacerbado de tarefas produtivas secundárias. Thompson (1998) percebeu o embaraçado novelo que complicava o ritmo cotidiano da produção. Dizia ele que as inúmeras e extenuantes tarefas secundárias atrapalhavam o rendimento da produção, fora que, essas tarefas secundárias aconteciam em espaços minúsculos onde espremiavam-se famílias inteiras no ato produtivo. Até mesmo nas maiores e mais organizadas oficinas, o acúmulo de trabalho acessório que represava imensamente o ritmo e o tempo produtivo, também era visível e impactava frontalmente na agenda produtiva daquelas localidades de produção. Continua o autor a destacar que a situação não era muito diferente em locais maiores,

---

<sup>14</sup>Sugere-se a imersão no livro de: PASSERON, Jean-Claude e GRIGNON, Claude. *Le savant et le populaire. Misérabilisme et populisme en sociologie et littérature*. Paris: Seuil, 1989.



mesmo nesses locais os trabalhadores continuavam a exercer tarefas aleatórias que obstaculizavam o ritmo produtivo. Por outro lado, havia, também, o roubo de materiais básicos e insumos relativos a produção (THOMPSON, 1998).

Estavam expostos os retratos fidelizados da precariedade das instituições produtivas de então. As falhas de produção justificavam-se pelas quebras das rotinas produtivas. De fato, esse era um problema de complicada resolução<sup>15</sup> devido a alguns motivos: pouca capacidade manual e intelectual, jornadas irregulares de produção, fraca especialização, baixo profissionalismo<sup>16</sup>, dentre outros. O resultado mais sintomático era a completa falta de um cronograma fechado de tarefas diárias, o que permitia uma maior flexibilidade nos dias de trabalho. O ritmo produtivo variava em consonância com os períodos de colheita, com as estações do ano, com o clima e assim por diante.

O trabalho irregular ao longo da semana permitia a alternância de momentos de grande atividade de trabalho, quanto também de longos períodos de ociosidade eram a regra, e não a exceção. Associado a tudo isso, existiam questões ligadas as mais profundas particularidades da vida privada que permitia dormir até mais tarde e compensar estendendo a jornada de trabalho até a noite (THOMPSON, 1998). Outro instigante exemplo colocado pelo historiador britânico é a denominada “santa segunda-feira” que as diferentes categorias profissionais aproveitavam o dia da semana como feriado e também como oportunidade para realizar outras tarefas. A citação é interessante e instrutiva:

A Santa Segunda-Feira parece ter sido observada quase universalmente em todos os lugares em que existiam indústrias de pequena escala, domésticas e fora da fábrica. Essa tradição era geralmente encontrada nos poços de minas, e às vezes continuava na manufatura e na indústria pesada [...]. Em alguns ofícios, os próprios pequenos mestres aceitavam a instituição e usavam a segunda-feira para receber ou entregar encomendas [...]. Em alguns casos, essa ociosidade na segunda-feira é imposta pelo fato de que a segunda-feira é o dia reservado para os consertos das máquinas nas siderúrgicas [...] (THOMPSON, 1998, p. 283).

Entretanto a Segunda-Feira Santa não era extensiva a toda categoria profissional. A vivência subjetiva do trabalho, para usar um tema caro a Bourdieu, era condicionada através de habitus específicos. Por exemplo; os trabalhadores rurais não desfrutavam dessa agradável possibilidade,

---

<sup>15</sup>De acordo com Edward Thompson (1998), o completo saneamento das quebras, e das dificuldades inerentes da produção, só ocorreram com a introdução do processo maquinofatureiro.

<sup>16</sup>Para Thompson o maior problema era o baixo grau de profissionalismo associado a necessidade de ocupar diversas frentes de trabalho em função do sustento material.

uma vez que as experiências sociais de trabalho nos campos, em especial aqueles sem cercamento<sup>17</sup>, eram tidos como irregulares e produtivamente ineficientes quando colocados frente a frente com os trabalhadores urbanos.

É possível mencionar que as percepções teóricas e empíricas de Thompson e Bourdieu em relação ao trabalho e seus processos assemelham-se e devem ser lidas como dialogais em alguns momentos. O sociólogo francês verteu atenção para o tema trabalho em suas primeiras pesquisas etnográficas em Argélia<sup>18</sup>. Lá constatou duas realidades distintas. A primeira, que se aproxima de E. P. Thompson, retrava com especial clareza as comunidades rurais mais depauperadas inseridas em um espaço social pré-capitalista. Assim como Thompson, o método antropológico de Bourdieu fez entender que essa comunidade rural estruturava seu trabalho em conformidade com os caprichos do tempo natural. A natureza em suas variâncias era a guia utilizada para as plantações, extração de alimentos, na caça e pesca, como também na busca de locais seguros para a construção de rudimentares moradias. Ainda caminhando em estado de convergência com Edward Thompson, Pierre Bourdieu detectou que esse grupo de trabalhadores e trabalhadoras rurais sobrevivia em uma condição pré-capitalista. De outra sorte, o segundo grupo é constituído por aqueles trabalhadores que migraram, fugindo da dura rotina do trabalho campesino para as grandes cidades em busca de um futuro idílico e redentor. No entanto, a realidade mostrou-se cruel, o sonho de uma vida próspera desvaneceu em subempregos e em condições degradantes de existência material.

Tanto o sociólogo em seus primeiros trabalhos de grande impacto, quanto o historiador em muitas de suas pesquisas, verteram esforços teóricos e empíricos em comunidades rurais na tentativa de capturar as essências formadoras das múltiplas modalidades de ações humanas. Vale a pena frisar que apesar das semelhanças temáticas os recortes temporais não eram coincidentes em função das áreas de atuação acadêmica de cada qual. E. P. Thompson tinha como escopo preferencial de pesquisa o século XVIII, enquanto Pierre Bourdieu dedicava-se a pesquisas marcadamente ligadas ao tempo presente. As diferenças cronológicas nas respectivas pesquisas, eram sem dúvida alguma a marca de distinção entre o historiador de ofício e o sociólogo.

Ainda buscando captar outras convergências de ideias e de diálogos entre os dois pensadores, nota-se que ambos tinham um entendimento que caminhava em sentido contrário da

---

<sup>17</sup>E.P. Thompson argumenta que a política dos cercamentos das terras comunais e das florestas, tinha entre tantos objetivos, um bastante específico: o controle eficiente do tempo da força de trabalho, fato que ia de encontro com o habitus construído pela Segunda-Feira Santa.

<sup>18</sup>A Argélia, em particular a região de Cabília, representam uma guinada radical e profunda de Pierre Bourdieu para a sociologia. Por outro turno, compromete-se publicamente com o processo de independência política do daquele país.

clássica percepção marxiana que o trabalho no sistema capitalista industrial de produção era acima de qualquer possibilidade, um evento de destituição de si mesmo e de desumanização. Em seus Manuscritos Econômicos-filosóficos, Karl Marx (2006) faz a seguinte consideração sobre o trabalho alienado:

Partimos dos pressupostos da economia nacional. Aceitamos sua linguagem e suas leis. Supusemos a propriedade privada, a separação de trabalho, capital e terra, igualmente do salário, lucro de capital e renda da terra, da mesma forma que a divisão do trabalho, a concorrência, o conceito de valor de troca etc. A partir da própria economia nacional, com suas palavras, constatamos que o trabalhador baixa à condição de mercadoria e à mais miserável, que a miséria do trabalhador se põe a inversa potência [...] (MARX, 2006, p.79).

O conceito de alienação pelo trabalho no capitalismo, será um dos grandes debates travados entre Edward Palmer Thompson e o marxismo estruturalista. As inexpugnáveis batalhas empunhadas pelo historiador britânico no interior do marxismo europeu convergiam em grande sentido pela imanente condição de desumanização imposta a homens e mulheres na labuta fabril. Fato este, execrado teoricamente por Thompson<sup>19</sup>. Acreditava ele que os trabalhadores tinham plena consciência de seus corpos explorados, em função disso construíam estratégias eficazes de manutenção e sobrevivência ligadas ao cotidiano, como por exemplo: teatro popular, festejos, literatura, boxe sem luva, entre muitas outras possibilidades.

Pierre Bourdieu, a seu modo, também desconstrói a ideia do trabalho como somente fator de alienação dentro do sistema capitalista. Para ele, respaldado em Durkheim e Weber, o trabalho é o estabelecimento da condição de integração entre os sujeitos executores com a sociedade. Não obstante, Bourdieu não negava, tal qual Thompson, que havia exploração de trabalhadores pelo sistema capitalista. Porém, argumenta o sociólogo francês, para além dos processos de exploração no capitalismo, o ato de trabalhar gerava identidade e a sensação de pertencimento entre os seus membros, através de experiências sociais e profissionais cotidianas.

Com relação aos determinismos teóricos referentes aos processos de alienação originários das organizações dos sistemas produtivos capitalistas, o entendimento de Bourdieu revelou-se complexo, e ao mesmo tempo, refinado. De acordo com o sociólogo, os percursos da alienação através do trabalho não podem ser caminhados sem alguma atenção individual: em determinados

---

<sup>19</sup>Para maiores detalhes ver: MELO JÚNIOR, João Alfredo Costa de Campos. A noção de Experiência Histórica e Social em Edward Thompson: percursos iniciais. História e Perspectiva. Revista dos cursos de graduação e do Programa de Pós-graduação em História. Número 1. Edição Especial, pp. 339-413. Uberlândia: Editora da UFU, 2014. E também, MÜLLER, Ricardo e DUAYER Mario (orgs). A carta aberta de E. P. Thompson a L. Kolakowski e outros ensaios. Florianópolis: Editora Debate, 2019

contextos poderia haver trabalhadores (industriais ou rurais) impelidos e submersos com uma brutal ferocidade aos tentáculos obtusos da alienação através do trabalho. Por outro lado, margeando caminhos diferentes, existiam grupos trabalhistas que possuíam completa noção de si e do mundo que os rodeava, portando-se com enorme altivez frente as intempéries naturais contidas nas relações de trabalho<sup>20</sup>. A seguir a longa citação é de extrema importância para o entendimento da complexidade da situação:

A relação com o mundo é uma relação de presença no mundo, de estar no mundo, no sentido de pertencer ao mundo, de ser possuído por ele, na qual nem o agente nem o objeto são colocados como tais. O grau em que o corpo é investido nessa relação constitui decerto um dos principais determinantes do interesse e da atenção de que se acham nela mobilizados, bem como da importância – mensurável por sua duração, intensidade etc. – das modificações corporais dela decorrentes. (É isso o que esquece a visão intelectualista, diretamente ligada ao fato de que os universos escolásticos tratam o corpo e tudo que a ele associa, em particular a urgência ligada a satisfação das necessidades de da violência física, efetiva ou potencial, de tal modo que ele acaba sendo de alguma maneira posto fora do jogo.) [...] Contudo, é preciso deixar de subestimar a pressão ou a opressão, contínuas e por vezes desapercibidas, da ordem ordinária das coisas, dos condicionamentos impostos pelas condições materiais de existência, pelas surdas injunções e a violência inerte (como diz Sartre) das estruturas econômicas e sociais dos mecanismos por meio dos quais elas se reproduzem [...]. As injunções mais sérias dirigem ao corpo e não ao intelecto [...] (BOURDIEU, 2001, p. 178).

A meritória passagem de Bourdieu possibilita o contato com um interessante livro do sociólogo francês intitulado *Algérie 60. Structures économiques et Structures Temporelles*, publicado no ano 1977. A proposição central desse interessante e imprescindível trabalho, fruto de pesquisas etnográficas de base estatística nos anos 1960 em Argélia foi mapear e entender como eram construídas e solidificadas as relações entre a formação do capital econômico e as estruturas temporais. É possível afirmar, sem o menor receio, que há sólidas aproximações com os trabalhos e pesquisas de E. P. Thompson referentes a temporalidade natural e industrial no capitalismo. Dois importantes trabalhos do historiador trazem em seu nascedouro incrível semelhança, como também, forte influência dessa portentosa obra de Bourdieu. Os referidos textos de Thompson são: *La quête d'une autre expérience des temps e Temps, discipline du travail et capitalisme industriel*.

É permitido associar que o arcabouço temporal estava, segundo Bourdieu (1977), no princípio de todas as ações sociais. Havia, nesse caso, uma relação de interdependência entre os dois fatores que condicionava o fazer-se práticas sociais, culturais, de ajuda mútua, crédito solidário,

---

<sup>20</sup>Para um melhor entendimento sugere-se a leitura de: *Meditações Pascalianas* de Pierre Bourdieu (2001).

entre outras possibilidades aventadas pelo sociólogo. A economia pré-capitalista, tanto para Thompson quanto Bourdieu, ultrapassa a questão meramente monetária, integrando a ela facetas simbólicas e cooperativas. A percepção cíclica do espaço social e dos estilos de vida derivavam das variações das práticas econômicas e culturais. Em o *Desencantamento do Mundo: Estruturas Econômicas e Estruturas Temporais*, explica Bourdieu (1979) que os ciclos plantio e produção em uma economia puramente agrícola é bastante restrita em pequenas áreas produtivas, que se renovam quase todo ano. Por outro lado, Bourdieu (1979) nessa mesma obra, revela que o camponês no período produtivo agrícola não consegue separar o tempo de trabalho do tempo destinado a outras atividades, uma vez que de acordo com o sociólogo francês o ciclo da produção é, geralmente, mais longo (BOURDIEU, 1979).

Edward Thompson anuncia que com a passagem dos anos o trabalho foi adquirindo contornos diferentes daqueles praticados outrora. Em especial nas pautas de reivindicações apareciam em destaques as remunerações, como também, as jornadas de trabalho. Essas primeiras e árduas batalhas travadas pela classe proletária eram, ao juízo de Thompson vestígios irrefutáveis que na e pela luta de classe, trabalhadoras e trabalhadores tornavam-se autoconscientes de suas condições insalubres de trabalho e remuneração, fato que os fazia lutar e reivindicar seus direitos. As pequenas conquistas trabalhistas foram granjeadas através das experiências sociais e de ações políticas de homens e mulheres trabalhadoras. Frente ao capital industrial a organização de classe era a única forma de resistir e continuar adiante. A partir do século XIX que foi decidido pelas remunerações semanais e também, caso houvesse necessidade acrescido do trabalho por tarefas (THOMPSON, 1998). A decisão veio após intensivos embates entre as partes envolvidas, a quebra de máquinas era uma das estratégias usadas pelos trabalhadores. No entanto, as jornadas de trabalho continuavam longas e impiedosas, em particular para as mulheres do campo que, ao contrário dos homens, estendiam por um período maior em função das atividades domésticas que em muitos casos revelavam-se na intimidade do lar ainda mais extenuantes em função do acúmulo das tarefas.

As mulheres somente suportavam a debilitante jornada de trabalho tanto na lida diária nas plantações quanto no ambiente doméstico, em especial no cuidado com as crianças em virtude da construção e consolidação do habitus. A criação dos filhos não poderia ser taxada como um trabalho ciceroneado pelo tempo do relógio, ao contrário. De acordo com E. P. Thompson (1998), as mães de crianças pequenas e de recém-nascidos tinham uma percepção distorcida do tempo em função da maternidade, que se encadeava tão somente pelo ritmo humano: “Ela ainda não abandonou de todas as convenções da sociedade pré-industrial” (THOMPSON, 1998, p. 288).

A “transição” para a sociedade industrial deve ser historiada em acordo com Edward Thompson, tendo como princípio a utilização de metodologias de fronteiras, uma vez que remetem a concepções ligadas ao tempo, trabalho e capital delas decorridas. Na tentativa de preencher as lacunas metodológicas existentes, Thompson sugere a utilização de métodos sociológicos e econométricos para captar as (in) congruências formadoras dos espaços sociais e das experiências concreta dos homens em uma realidade perene e de rápida transformação. Seria, ainda de consonância com ele, um enorme reducionismo enxergar o momento histórico em lúmen exclusivamente pela ótica das transformações/ inovações das produções industriais. A simples transição das manufaturas para os processos maquinais tecnológicos não conseguiria apreender em sua complexidade tais transformações se não houvesse a ação humana como propulsora

O fortalecimento do capitalismo industrial trouxe consigo, além das inovações tecnológicas que refletiram fortemente nas mudanças dos processos industriais com técnicas voltadas para o aumento da produção. A frenética busca pelo aumento do capital produtivo industrial impactou no corpo através do condicionamento temporal. Por outro termo, adestrava-se o corpo em função do tempo tecnológico. A relação construída entre a produção e o tempo construía-se, ao juízo de Thompson, como um modelo mais sofisticado da exploração da mão-de-obra de trabalhadores e trabalhadoras no chão da fábrica. Evidente, como todo processo de inovação tecnológica e controle do tempo foi recebida pela “gente comum” com a aflição daqueles que não compreendiam em totalidade as modificações que se achegavam tanto do ponto de vista da intimidade, como também na faculdade de apreender o novo cenário que se configurava no espaço fabril. Thompson (1998) organiza o pensamento, informando que a Revolução Industrial e seus tentáculos foram percebidos, ora com mais rapidez ora com lentidão, variando de localidade para localidade. Em alguns condados e pequenas cidadelas a hierarquia industrial afrontava pesadamente as culturas populares. A disciplina industrial recaía sobre “as pessoas das classes inferiores” em seus espaços sociais e nos de estilo de vida, não sem relutância, condicionavam a estruturação do corpo físico. Bourdieu (2001) destaca também que o corpo está indissociavelmente ligado ao campo de poder, pelo qual as ações sociais são os instrumentos de relacionamento com o mundo.

As convergências teóricas e metodológicas entre Edward Thompson e Pierre Bourdieu existem e se colocam em exposição. Para ambos é nítido que os sujeitos históricos caminham de acordo com suas ações sociais que são, necessariamente, condicionadas pelo habitus. Bourdieu enfatiza com grande precisão que os indivíduos agem de acordo com sistemas de disposições

resistentes, contidas nos espaços de estilos de vidas<sup>21</sup>. Fato que pode ser nitidamente comprovado quando E. P. Thompson analisa a transição do tempo e do trabalho com Revolução Industrial, ao historiar quais foram as transformações nos espaços sociais e nos estilos de vidas das camadas populares. Os conflitos daí resultados foram, em seu entendimento, os responsáveis diretos da lentidão das transformações econômicas e sociais em Inglaterra.

Destaca-se que a morosidade na consolidação dos campos industriais deveu-se em certa medida pelas irregularidades temporais, como também salariais ainda se faziam presentes como regras incorporadas pelos costumes culturais e populares. De acordo com Edward Palmer Thompson (1998) a razão central das normatizações era, por parte das autoridades centrais e manufatureiras, evitar o ócio e a preguiça dos trabalhadores durante os caminhos da produção dos bens de consumo. Todavia, argumenta que no terço final do século XVIII as relações de trabalho e os salários se transformam em virtude das novas regulamentações aplicadas aos seguimentos produtivos. As observâncias das regras disciplinares nas indústrias, a utilização massiva dos relógios como marcadores temporais como ferramentas voltadas para o trabalho torna-se consolidado e amplamente divulgado. Os relógios vigilantes e impiedosos eram entendidos pelos agentes, como os verdadeiros e únicos responsáveis pelas agruras e malfeitos no interior das indústrias<sup>22</sup>.

O protagonismo metodológico centrava-se no agente ou sujeito executor, que para Thompson eram os verdadeiros artifices de seus destinos. Pierre Bourdieu, ao pensar o agente, caminha na seguinte direção: a tentativa de analisar concretamente o sujeito social inserido em um espaço previamente determinado. Os agentes tomam atitude em função de suas condições objetivas pertencidas em espaços sociais determinados, Nogueira (2017) acrescenta, com exatidão, que ao conceituar sociologicamente o agente embebido em uma realidade subjetiva e concreta ao mesmo tempo Bourdieu (2001) tinha como interesse acadêmico historiar e captar o mundo social a partir de experiências externas e internas em formato interacionista, que poderiam ser percebidas cotidianamente pelos agentes sociais. Sem dúvida, Pierre Bourdieu (2001) intencionava ampliar sistematicamente os conceitos marxianos e materialistas. Dizia ele:

Em outras palavras, é preciso construir uma teoria materialista capaz de recuperar no idealismo, conforme o desejo expresso por Marx nas Teses sobre Feuerbach,

---

<sup>21</sup>É interessante pensar que neste caso, Bourdieu caminha em contrário da metodologia tipo ideal das ações sociais de Weber, que as pensa como disposições objetivas e racionais. Já para Bourdieu os indivíduos não agem somente por fatores racionais e objetivos. Existiam outras demandas que ultrapassavam a racionalidade objetivista.

<sup>22</sup>As recepções aos relógios nas plantas industriais não foram nada amistosas, ao contrário. O sentimento de ter seu tempo roubado era constante, fato que, associava-se todos os padecimentos trabalhistas como resultados diretos dos relógios. É curioso perceber que as revoltas trabalhistas tinham como alvo os relógios que caçados e destruídos ou alterados alentavam trabalhadores e trabalhadoras desapossados de seu próprio tempo.

o lado ativo do conhecimento prático abandonado pela tradição materialista. Eis precisamente a função da noção de habitus que restituiu ao agente um poder gerador e unificador, construtor e classificador, lembrando ainda que essa capacidade de construir a realidade social, ela mesma socialmente construída, não é de um sujeito transcendental, mas a de um corpo socializado, investido na prática dos princípios organizadores socialmente construídos e adquiridos no curso de uma experiência social situada e datada. (BOURDIEU, 2001, p. 167).

Edward Palmer Thompson (1981) também, à sua maneira, procura jogar luz na primazia do sujeito como executor de sua própria história, tanto na esfera pública, quanto no campo das relações privadas. Posicionando-se frontalmente contra a primazia cega do econômico em detrimento das ações humanas o historiador com sua já conhecida verve coloca-se em oposição ao marxismo estruturalista de Althusser, diz ele:

O absurdo de Althusser está no modo idealista de suas construções teóricas. Seu pensamento é filho do determinismo econômico fascinado pelo idealismo teórico. Postula (mas não procura provar ou garantir) a existência da realidade material: aceitaremos esse ponto. Postula também a existência de um mundo (externo) material da realidade social, cuja organização determinada é sempre, em última instância econômica (THOMPSON, 1981, p. 21).

As transformações no mundo produtivo quanto nas percepções do tempo impuseram um novo olhar sobre as relações fabris avolumadas pela divisão e especialização do trabalho, construindo com isso culturas e costumes diferentes dos antigos. O recente cotidiano inaugurado impôs uma nova rotina para homens e mulheres, o tempo e o trabalho a partir de então, corriam-se em função das determinações impostas pelo capital. Ao injungir as mudanças estruturais a partir das novas condições produtivas, as resistências e oposições foram clarificadas tirando o véu que obscurecia o entendimento dos trabalhadores sobre as novas funções produtivas. As oposições operárias se fizeram presentes frente a “construção” da sociedade capitalista<sup>23</sup>, e em função dos corpos inseridos naquela realidade social e operária.

As alterações ocorridas na sociedade industrial em função do aprimoramento das estruturas sociais, sem dúvida, impactaram fortemente nos cotidianos produtivos e na intimidade da vida privada, seccionando assim, duas formas de existência no mundo: Havia aí segundo Bourdieu (2001), uma relação dialética entre o corpo e o mundo social: momento em que, as estruturas e hierarquias condizentes do mundo representavam e apresentavam-se nos planos mentais, físicos e cognitivos sobre os sujeitos imersos em tais realidades. Instituíam-se uma relação de mutualidade, dependência,

---

<sup>23</sup>Argumentava Thompson que nas sociedades de capitalismo estruturado a relação com tempo deve ser, antes de tudo, racional e produtiva, sem espaço para quebras da rotina laboral.



como também, de contradição entre os segmentos, em outras palavras os caminhos comunicacionais e de pertencimento através do cotidiano ali expostos revelavam as contradições entre o mundo da disciplina industrial e o cotidiano de mulheres e homens comuns.

Os processos disciplinares oriundos do capital e do trabalho constroem-se tendo como fundamento de alavancagem a otimização do tempo como mola propulsora para o crescimento industrial e, como era esperado e desejado, para o amadurecimento desenvolvimento econômico. A impacção nos habitus e nas experiências sociais, em seus espaços sociais e nos de estilo de vida, acirrou os olhares disciplinares sobre os agentes enquanto sujeitos históricos, compreendidos a partir de novas estruturas mentais e hierárquicas que imodestamente impunha leis, regras de conduta, valores e prêmios ligados ao crescimento industrial racional, delimitando e conformando as ações sociais, a psique e os comportamentos estruturantes dos grupos sociais, que direta ou indiretamente foram impactados pelas “novas regras” de pertencimento ao grupo social<sup>24</sup>.

As atitudes pessoais e os estilos de vida tiveram que se conformar com a realidade temporal e industrial, que caiu com peso sobre os ombros e colos fatigados de homens e mulheres, mas que teimosamente ainda buscavam com o último folego a resistência e a adaptabilidade ao “novo mundo”:

O que precisa ser dito não é que um modo de vida seja melhor do que o outro, mas esse é um ponto de conflito de enorme alcance; que o registro histórico não acusa simplesmente uma mudança tecnológica neutra e inevitável, mas também a exploração e a resistência à exploração; e que os valores resistem a ser perdidos bem como a ser ganhos [...] (THOMPSON, 1998, p. 301).

O complemento e o avanço vêm de Bourdieu (2001):

Somente existem ação, história, conservação ou transformação das estruturas, porque existem agentes irreduzíveis ao que o senso comum e o individualismo metodológico introduzem na noção do indivíduo e que, enquanto corpos socializados, são dotados de um conjunto de disposições contendo ao mesmo tempo a propensão e a aptidão para entrar no jogo e a jogá-lo com maior ou menor êxito (BOURDIEU, 2001, p. 190).

As passagens de Thompson (1998) e Bourdieu (2001) mostram com impressionante clareza as respostas de homens e mulheres reais, que mesmo conscientes das vicissitudes encontradas ao longo da jornada continuavam teimosamente a resistir e organizar-se cotidianamente apesar das

---

<sup>24</sup> Edward Thompson vaticina que historicamente não há transformações econômicas apartadas das mudanças na cultura, no habitus e nos espaços de estilo de vida de homens e mulheres comuns.

desilusões que os ameaçava, porém seguiam em frente. As análises do historiador e do sociólogo, cada uma delas com estilos e métricas singulares tingiram em tons fortes e vibrantes a capacidade de trabalhadores e trabalhadoras suportar a fadiga que extenuava os seus corpos pela labuta cotidiana. Apesar de tudo, uma certeza era incontestável: a bola continua a rolar, o tempo a correr e os jogadores recuam e avançam estrategicamente a cada partida. Mas acima de tudo, continuam bravamente a disputar o certame.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A responsabilidade deste escrito foi colocar frente a frente dois instigantes intelectuais contemporâneos: Edward Palmer Thompson (1924-1993) e Pierre Bourdieu (1930-2002). Pensadores inquietos construíram suas carreiras ancoradas em alicerces sólidos e previamente definidos: o rigor empírico, a fecundidade e longevidade de suas pesquisas e trabalhos, a defesa acirrada de suas posições e leituras políticas do mundo que os acolhia à altura, polemistas requintados, vorazes defensores de seus trabalhos e posições políticas e acadêmicas.

Para concretizar essa estimulante e amistosa conversa entre eles foram articuladas as seguintes temáticas: tempo, trabalho e capital, que serviram como articuladoras do diálogo aqui estabelecido. Como substrato para a concretização deste artigo foram utilizados como bússolas *Costumes em Comum*. Estudos sobre a cultura popular e tradicional, quanto *Temps, discipline du travail et capitalisme industriel* de Edward Palmer Thompson e *Meditações Pascalianas e Algérie 60. Structures économiques et Structures Temporelles* produzidas por Pierre Bourdieu. O historiador inglês e o sociólogo francês foram colocados frente a frente através dessas quatro obras referenciais que permitiram ao clareamento de questões ligadas e relacionadas as culturas agrárias e urbanas, as percepções/internalizações das experiências sociais e do habitus em contextos históricos e produtivos específicos de inserção geográfica.

A estrutura de sustentação deste texto obedeceu a seguinte disposição; como texto basilar foi utilizado o artigo de E. P. Thompson, contido na coletânea supracitada, intitulada *Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial*, na qual o autor consagrou esforços teóricos e empíricos para entender como a batida do tempo influi, tanto positiva como negativamente nas disciplinas do trabalho pré-industrial, isto é, nas pequenas e familiares manufaturas até nas nascentes e pesadas plantas industriais. Não obstante, o foco do historiador era entender como marcador temporal transforma-se com a passagem para caminhos de maquinofatureiros. Sem a

menor hesitação, Edward Thompson afirma que a mudança na contagem do tempo afetou o ritmo de vida das gentes comuns com o fortalecimento do capitalismo industrial.

Por seu turno, *Meditações Pascalianas* de Pierre Bourdieu foi indispensável para o melhor entendimento das classes sociais e de seus habitus no interior dos espaços sociais e de estilos de vida. Em certo sentido, Bourdieu de forma mais verticalizada e incisiva, ou de maneira subliminar, já se preocupava com as temáticas desde seus impactantes, no melhor sentido do termo, trabalhos iniciais sobre os trabalhadores rurais em Argélia ao longo dos anos 1950 e 1960. O livro, aqui colocado, serviu como uma potente lente amplificadora para a compreensão que as relações de trabalho em seus processos industriais impactavam para além da tradicional e reducionista leitura meramente economicista.

A proposição para a frondosa conversa entre Bourdieu e Thompson, se deu em função de que ambos acreditavam, e defendiam com afinco, que seria uma leitura obtusa compreender a formação e o estabelecimento das classes sociais tão somente pelo viés econômico e estrutural. Para os dois as classes de trabalhadores diferenciavam-se cultural e socialmente a partir de habitus, para um, e experiências sociais, para outro, que originavam estruturas de ação e resistências culturais próprias. Em outros termos, Thompson e Bourdieu entendiam, e se aproximavam nesse sentido, que os estágios formadores das classes sociais jamais poderiam ser enquadrados e ou formatados em moldes aprisionadores unidimensionais. Pelo contrário, as infindáveis possibilidades faziam-se vivas e presentes em função de questões associadas a elementos ligados a vida privada, ao diálogo inquebrantável e assimilador entre as culturas populares e eruditas, entre as experiências sociais ou habitus, formadores distintos, mas ao mesmo tempo complementares, e também, porque não, processos macro e microeconômicos formadores.

Por último, o atual artigo propõe que há incontáveis semelhanças teóricas e empíricas entre ambos, que estão entronizados no altar dos grandes e imprescindíveis intelectuais produzidos no século passado. Evidente que não é pretensão deste texto esgotar o assunto e suas possibilidades analíticas. Ao contrário, coube a ele descrever alguns passos que podem auxiliar interessados a se aventurarem nos trabalhos intelectuais de Edward Palmer Thompson e Pierre Bourdieu. Enfim há, ainda, uma torrente de leituras e temas que necessitam serem exploradas.

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento, Passiani Enio. Campo Cultura. In: CATANI, Afrânio Mendes [et al.] (orgs). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BECKER, Howard. **Outsiders. Estudos da sociologia do desvio.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

**BOURDIEU, Pierre** A distinção: Crítica social do julgamento. **Porto Alegre: Zouk, 2017.**

BOURDIEU, Pierre. A formação do habitus económico. **Sociologia. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.** Volume 14. PP. 09-34. Editora da Universidade do Porto, 2004.

BOURDIEU, Pierre **Meditações Pascalianas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **O Desencantamento do Mundo: Estruturas Economicas e Estruturas Temporais.** São Paulo: Perspectiva, 1979.

BOURDIEU, Pierre **Algérie 60. Structures économiques et Structures Temporelles.** Paris: Minuit, 1977.

CATANI, Afrânio Mendes [et al.] (orgs). **Vocabulário Bourdieu.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

ELIAS, Nibert e SCOTSON, John. **Os Estabelecidos e os Outsiders.** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

MALDONADO, Fernando Larrea. Classes Sociais no Papel, Classes Mobilizadas e Lutas pela Classificação em Pierre Bourdieu: Uma discussão em diálogo com o Fazer-se da Classe de E. P. Thompson. In: **Revista Prelúdios.** Salvador: volume 4, n 4, 2015.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos.** São Paulo: Boitempo, 2006.

MELO JÚNIOR, João Alfredo Costa de Campos. A noção de Experiência Histórica e Social em Edward Thompson: percursos iniciais. **História e Perspectivas – Revista dos Cursos de Graduação e do Programa de Pós-graduação em História.** Número 1- Edição Especial, pp 393-413. Uberlândia: Editora da UFU, 2014.

MÜLLER, Ricardo e DUAYER Mario (orgs). **A carta aberta de E. P. Thompson a L. Kolakowski e outros ensaios.** Florianópolis: Editora Debate, 2019.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. Agente. CATANI, Afrânio Mendes [et al.] (orgs). **Vocabulário Bourdieu.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

PASSERON, Jean-Claude e GRIGNON, Claude. **Le savant et le populaire. Misérabilisme et populisme en sociologie et littérature.** Paris: Seuil, 1989.

PEREIRA, Virgílio Borges e SIBLOT Yasmine (orgs). Classes sociales et politique au Portugal. Paris: Éditions du Croquant, 2019.

PEREIRA, Virgílio Borges. Os Estudos de Classe na Sociologia em Portugal. Uma entrevista com Virgílio Borges Pereira. In: **Plural, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP,** São Paulo, V.21, 2014.

PEREIRA, Virgílio Borges. **O Tempo Sociológico.** Palestra. Retirado de: <https://www.youtube.com/watch?v=NZvxBdf9bG8&t=19s>.

RAGOUET, Pascal. Campo Científico. In: CATANI, Afrânio Mendes [et al.] (orgs). **Vocabulário Bourdieu.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

SUAUD, Charles. As lutas religiosas do ponto de vista de uma sociologia da incorporação: o corpo sacerdotal (católico) entre a doutrina e a inovação. **Sociologia. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.** Volume 19, pp.47-69. Editora da Universidade do Porto, 2009.

THOMPSON, Edward Palmer. **Temps, discipline du travail et capitalisme industriel.** Paris: La fabrique éditions, 2004.

THOMPSON, Edward Palmer. Educação e Experiência. In: **Os Românticos. A Inglaterra na era Revolucionária.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. P. 11-47.

THOMPSON, Edward. **Costumes em Comum.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Edward Palmer. **A Formação da Classe Operária Inglesa (3 volumes).** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987 [1963].

THOMPSON, Edward. **A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade.** 2 volumes. Brasília: Editora da UNB, 2012.